

TICs e Imigração Angolana no Rio de Janeiro

COSTA, Leonildo

Resumo

Sabe-se que as Tecnologias de Informação e Comunicação, as chamadas TICs, vêm se configurando como elemento essencial nos processos migratórios no que diz respeito ao estabelecimento e consolidação de vínculos sociais no país receptor, na criação de novos quadros comunitários, e, ao mesmo tempo, na manutenção de laços identitário (reais ou simbólicos) e afetivos com o país de origem. Assim, o presente artigo propõe uma reflexão em torno de como vivem os imigrantes angolanos que se estabeleceram na comunidade da Maré, no Rio de Janeiro, no que se refere à comunicação desses com a sociedade local, ou seja, com os outros moradores da comunidade, ou ainda com parentes, amigos e conhecidos que ficaram em Angola. Como metodologia, partimos de uma revisão de literatura sobre o uso das TIC's pelas diásporas presente no livro "Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais", organizado por Cogo, ElHajji e Huertas (Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012) e entrevistas semi-estruturadas com os imigrantes. Entre os principais resultados, destaca-se que as TICs têm por finalidade contribuir, principalmente, para manter os laços com amigos e familiares no país de origem, num processo constante de manutenção de vínculos e construção e afirmação de identidades.

Palavras-chave: Imigração; TICs; Rio de Janeiro; Angolano.

A Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (UNFPA, 2011) estima que, no mundo atual de sete bilhões de pessoas, no mínimo 214 milhões vivem fora dos países ou regiões onde nasceram¹. Desastres naturais, conflitos políticos,

¹ As Nações Unidas definem como migrante a pessoa que residiu em país estrangeiro por mais de um ano, independentemente dos motivos, voluntários ou involuntário, ou os meios utilizados, lícitos ou não. Os que vivem em outro país sem autorização ou documentação são considerados "migrantes irregulares".

DIASPOTICS
migrações / diásporas / tics

religiosos e/ou ideológicos, pobreza, fome, buscas pessoais... São vários os fatores que impulsionam as imigrações internacionais.

Um exemplo de fluxo migratório internacional é o de angolanos, povo cujo Estado foi assolado por uma guerra civil que perdurou de 1975 a 2002. Com o objetivo de fugir da pobreza e violência causadas pelas lutas armadas e procurando melhores condições de vida, parte desses indivíduos que migram fizeram do Brasil seu abrigo temporário ou definitivo.

É difícil achar dados exatos sobre o número de angolanos que aportaram no Brasil, até porque foram muitos os fluxos migratórios de angolanos para o Brasil. José Teixeira Lopes Ribeiro (1995) divide a migração internacional de angolanos para o Brasil, em três momentos: o da migração compulsória na época da escravidão e tráfico de escravos (1531-1810); o do processo migratório das décadas de 1957 a 1970, marcada pelo início do processo de independência das colônias portuguesas na África e pelo reinício do conflito armado em Angola; e o último, a partir de meados de 1980 que assume o caráter de refúgio, decorrente também dos desdobramentos dos conflitos desencadeados pela guerra em Angola. Sabe-se, ainda, que entre os refugiados que se instalam no país, os angolanos representavam, até poucos anos atrás, a maioria. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR)², até abril de 2013, o Brasil tinha um total de 4.262 refugiados; desses, 1.060 eram oriundos da Angola.

Todavia, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) anunciou a entrada em vigor da cláusula de cessação para refugiados de Angola e da Libéria. A cláusula está em vigor desde o último dia 30 de junho de 2013, e foi adotada pelo ACNUR com base na paz e na estabilidade alcançadas naqueles dois países após sangrentas guerras civis.

Segundo Adrian Edwards, porta-voz do ACNUR, a entrada em vigor desta cláusula de cessação significa que os nacionais de Angola e da Libéria que permanecerem no exterior não devem mais ser considerados refugiados pelo ACNUR e pelos governos que os acolheram. A medida anunciada se aplica aos angolanos que deixaram o país durante a guerra da independência com Portugal (1965-1975) e a subsequente guerra civil que terminou em 2002.

[Os imigrantes angolanos dos últimos anos] têm assumido o caráter de refugiados, sendo, majoritariamente jovens, dos quais grande parte é estudante de nível superior. Solteiros em sua maioria pertencem a classes favorecidas em Angola e têm, em geral, planos para retardar o retorno ao país de origem. São assim pessoas com alto potencial profissional e em idade de maior risco reprodutivo. A escolha do Brasil como país de destino provavelmente tem a ver com

< <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1477-1.pdf> >
2 < <http://oestrangeiro.org/?s=angolanos&x=-1474&y=-107> >

DIASPOTICS
migrações / diásporas / tics

as facilidades existentes de migração, como o fator língua, clima e cultura (RIBEIRO, 1995, p.131).

Segundo dados do IBGE do ano de 2000, entre os anos de 1996 e 2000, havia no Brasil pouco mais de 15 mil africanos, a maioria é oriunda dos Países Oficiais de Língua Portuguesa (Palops) com destaque para Angola com a estimativa de uma população de 41% entre os africanos, seguida pelo Egito (22%), Moçambique (9%), África do Sul (8%), Cabo Verde (5%), Nigéria e Congo (3% cada). A maioria dessa população está concentrada na região Sudeste³.

Apesar de distantes geograficamente, Brasil e Angola têm um histórico comum de colonização e exploração portuguesa. Além disso, a própria formação do povo brasileiro está ligada aos angolanos, uma vez que dos 1.685.200 escravos que o Brasil recebeu durante o século XVIII, 1.134.600 vieram da região hoje conhecida como Angola.

Atualmente, os principais destinos escolhidos por esses imigrantes são as grandes cidades brasileiras, entre elas, o Rio de Janeiro – considerada uma cidade global que adquire características de muitos lugares. Segundo Ianni (1999), o Rio acaba por adquirir marcas de outros povos, de diferentes culturas, de distintos modos de ser que convivem no mesmo lugar, como uma representação multicultural do mundo. “A cidade passa a ter uma diversidade de padrões e valores culturais, línguas e dialetos, religiões e seitas, modos de vestir e alimentar, etnias e raças, problemas e dilemas, ideologias e utopias” (Ianni,1999, p. 28).

Conforme explicam Bógus e Pasternak (2004, p.5) o perfil de imigrantes na metrópole e comunidades mudou na última década, pois a “imigração internacional teve aumento da participação de congoleses, angolanos, chineses, bolivianos e haitianos que residem principalmente na área central da cidade”.

Até 2012, moravam de maneira regular no Brasil, 3.153, dos quais 1.011 viviam no Rio de Janeiro⁴. Chamados por familiares ou amigos – ou ainda se aventurando sozinhos num local desconhecido – é notória a fixação de imigrantes angolanos que, uma vez no Rio de Janeiro, escolheram a favela da Maré como local de moradia.

De acordo com informações da instituição Redes⁵ de desenvolvimento da Maré, o bairro foi fundado em 19 de janeiro de 1994 pelo Projeto de Lei nº 2119. Situado entre a avenida Brasil e a

³ < www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=72890 >

⁴ < oestrangero.org.files.wordpress.com/2013/05/nc3bamero-de-imigrantes-no-brasil-atc3a9-2012-por-pac3ads.pdf >

⁵ < <http://redesdamare.org.br> >

Linha Vermelha, é hoje um dos principais espaços da chamada Zona da Leopoldina. A Maré conta em torno de 132 mil habitantes e a população se distribui por cerca de 38 mil domicílios em 16 comunidades.

Assim, o presente artigo propõe uma reflexão em torno da vivência dos imigrantes angolanos, especialmente no que se refere à comunicação desses com a sociedade local, ou seja, com os outros moradores da comunidade, ou ainda com parentes, amigos e conhecidos que ficaram em Angola. Sabe-se que as Tecnologias de Informação e Comunicação, as chamadas TICs, vêm se configurando como elemento essencial nos processos migratórios no que diz respeito ao estabelecimento e consolidação de vínculos sociais no país receptor, na criação de novos quadros comunitários, e, ao mesmo tempo, na manutenção de laços idenitários (reais ou simbólicos) e afetivos com o país de origem.

Nosso objetivo é entender como se dá a relação entre os imigrantes angolanos da Maré e o uso das TICs como instrumento catalisador de reconfigurações idenitárias entre o país de origem e os anfitriões, seja no estabelecimento de redes sociais virtuais ou nas conversas cotidianas. Para isso, partimos de um referencial teórico sobre o uso das TIC's pelas diásporas presentes no livro "Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais", organizado por Cogo, ElHajji e Huertas (Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012).

Em seguida, fizemos entrevistas semi-estruturadas, realizadas durante o mês de julho de 2013, com imigrantes angolanos que moram na Comunidade da Maré. A definição dos entrevistados foi aleatória, importando apenas a nacionalidade, no caso angolana, e não outras questões, como idade, sexo, profissão etc. Durante a escolha dos entrevistados, alguns se recusaram a falar alegando ser perigoso conversar com pessoas estranhas na comunidade; outros, principalmente estudantes, não quiseram responder afirmando que estavam ocupados com provas e leituras. As entrevistas foram feitas no bar perto da Comunidade da Maré e na Universidade Federal do Rio do Janeiro.

As tecnologias de informação e comunicação no processo migratório

As migrações, em termos gerais, estão relacionadas a um conjunto de fatores econômicos, sociais, políticos e institucionais que, direta ou indiretamente, vem transformando países, locais e

DIASPOTICS
migrações / diásporas / tics

regiões ao longo dos últimos séculos. É justamente nesse contexto de transformações que se revela a complexidade do fenômeno migratório.

Atualmente, as migrações são uma das prioridades na agenda política global, conforme destaca o relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais - GCIM (2005, p.8), “há agora uma maior consciência de que os benefícios econômicos, sociais e culturais das migrações internacionais têm de ser mais eficazes, e que as consequências negativas dos movimentos transfronteiriços podem ser mais bem resolvidas.” Assim, atenta-se para uma nova percepção sobre o setor da emigração como algo complexo, irreversível, histórico e, por este motivo, objeto de preocupações (ZENTELLA & SCHIESSER, 2005).

As sociedades contemporâneas têm experimentado um desenvolvimento acelerado das TICs nas últimas décadas e ao mesmo tempo um incremento significativo das migrações transnacionais que vem convertendo as cidades e nações em espaços de convivência entre realidades socioculturais diversas.

O crescente acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) – como telefone, celular, internet, transferências eletrônicas de dinheiro, entre outros, – cada vez mais baratos e eficientes, tem tido uma importância fundamental na forma com que as relações sociais se configuram em casos de migração, tanto nos países de destino quanto nos de origem. A presença cotidiana dos migrantes no local de origem por meio das TICs oferece uma maior incidência na tomada de decisões, seja em relação a assuntos familiares ou comunitários ou mesmo no sentido de oferecer maiores possibilidades de exercer pressão sobre quem se encontra no exterior e pedir auxílio econômico, seja para a resolução de conflitos sociais ou problemas de saúde ou para a celebração de festividades.

Para a compreensão dos fatores que contribuem no surgimento de iniciativas midiáticas e de uso das tecnologias da comunicação por diásporas, nos valemos de considerações relacionadas por Retis (2006) em seu estudo sobre espaços midiáticos da imigração em Madri. O mesmo assunto também é foco de pesquisas anteriores feita por COGO, 2006; COGO, GUTIERREZ & HUERTAS, 2008. No geral, um primeiro aspecto desses trabalhos diz respeito à crescente presença de representações midiáticas criminalizadoras das migrações contemporâneas através da frequente associação dos migrantes a “problemas”, “ameaças” e “conflitos”. Essa presença vem demandando posicionamentos públicos, através do uso inclusive de mídias próprias, por parte de redes e organizações migratórias, que possibilitem pluralizações dessas imagens.

Um segundo aspecto desses estudos refere-se aos migrantes como usuários locais, nacionais e transnacionais de serviços e produtos relacionados, dentre outros, ao universo do trabalho, à

DIASPOTICS
migrações / diásporas / tics

moradia, à educação, à regularização jurídica, ao lazer, às telecomunicações etc. As empresas que oferecem esses serviços tendem a mobilizar investimentos na busca e criação de iniciativas midiáticas para a difusão e promoção de seus produtos para o público migrante, tanto no contexto dos países de origem quanto de migração. Nesse espectro, situam-se, dentre outros, o uso de sistemas informáticos e financeiros para o envio de remessas, o contato com familiares através de telefone e internet etc.

Outros estudos analisados têm se focado no mapeamento, distinção e cenários de usos de diferentes mídias por sujeitos em vivência de migração, inclusive da internet. Na pesquisa sobre Brasil e Espanha à qual se referiu anteriormente, constatou-se que, com relação ao acesso e usos da internet pelos migrantes nos dois cenários analisados, Porto Alegre, no Brasil e Barcelona, na Espanha, “más del 80 por ciento de la muestra lo emplea en su vida cotidiana y, aunque para algunos todavía es un desafío aproximarse a esta tecnología, todos valoran muy positivamente sus posibilidades comunicativas”(HUERTAS BAILÉN, 2008, p.101).

Os usos da internet realizados no cotidiano abrangem, por exemplo, o contato com as pessoas mais próximas do migrante, como amigos e família, até a orientação para conseguir documentação, trabalho e, por exemplo, aprendizados sobre a cultura local (como a busca pelo aprendizado da língua oficial, no caso da Espanha, o espanhol). Essas ações geram contatos que também se constituem em redes sociais nos mais variados níveis de organização.

Segundo os dados recolhidos no estudo realizado entre Brasil e Espanha (HUERTAS BAILÉN, 2008), a internet oferece a possibilidade de manter vínculos, em primeiro lugar, com a família e depois com os amigos que ficaram no país de nascimento e/ou lugares por onde o migrante viveu.

Entendemos os meios de comunicação como espaços estratégicos para a expressão, mobilização, transformação sociocultural e política e para a produção de igualdade em que a comunicação midiática não se restringe a conteúdos e efeitos, mas a processos que possibilitam usos dos recursos midiáticos por parte de diferentes setores sociais, como é o caso das migrações (COGO, 2010).

Internet dá suporte à comunicação entre os membros de famílias transnacionais. E essa caracterização dá margem não apenas a momentos intensos e calorosos de afeto, mas ainda a discussões, problemas, chegando a causar até distanciamentos. Na questão específica da migração, pensando na distância geográfica e vínculos simbólicos, que no dia a dia são resignificados entre os integrantes dessa família transnacional, é possível constatar uma maior diversidade e possibilidade de contatos. Com baixo custo, é especialmente neste contexto que a internet pode colaborar,

juntamente com outros recursos, tais como o telefone e/ou cartas, tradicionalmente utilizados para a comunicação familiar.

Os angolanos na Comunidade da Maré, no Rio de Janeiro

Por coincidência, todos os entrevistados para este trabalho são homens e estão na faixa dos 30 aos 40 anos. Uma das primeiras entrevistas que fizemos foi com Helder Francisco Cristóvão, 30 anos. Antigo morador na rua do Paraná, município do Rangel, em Luanda, ele é mais um que integra a lista de angolanos que vivem no Brasil, onde chegou, há cerca de dez anos. Quando migrou, seu objetivo era de efetuar tratamento médico. No entanto, Cristóvão acabou por fixar residência no Rio de Janeiro, na Comunidade da Maré. Atualmente, frequenta um curso de telecomunicações. Ele conta que se utiliza muito dos meios de comunicação, especialmente para o contato com os familiares que ficaram no país de origem. “Eu tenho contato com minha família em Angola através da internet, do Facebook. E uma vez por mês eu ligo para falar com minha mãe e meu pai”, diz.

Já Jorge Pimentel, 31 anos, vive na Favela da Maré há nove anos. Tal como Cristóvão, em Angola, Jorge Pimentel viveu no município do Rangel. Chegou ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Com o tempo, o jovem viu desvanecer-se todo o mar de rosas que antes da viagem havia delineado e menciona os veículos de comunicação como transmissores de uma realidade imaginada. “Eu sempre vi Brasil na televisão, nas telenovelas e na internet como país do primeiro mundo, mas quando cheguei aqui, vi que não era isso que a mídia passava”, conta.

Miguel da Silva, 40 anos, está há 13 anos no Rio. É um dos muitos jovens angolanos que migrou para o Brasil na perspectiva de uma vida melhor. A sua vinda ao país, como nos conta, aconteceu em fevereiro de 1996, devido à complicada situação político-militar que, na ocasião, reinava em Angola. Ele revela que utiliza as TICs não só para contato com familiares, mas como fonte de renda. “Compramos vestuário, telemóveis e outros objetos e enviamos aos nossos familiares em Angola. Em troca eles mandam-nos o dinheiro. Este contato eu faço com minha família em Angola através da internet, das redes sociais como o Facebook”, diz.

Por fim, Jose Carlos, 36 anos, é um dos poucos angolanos da Maré que já é casado (com uma angolana). No Brasil, onde se encontra há menos de cinco anos, além de trabalhar e estar ligado ao negócio de roupa citado por Miguel, aproveita para estudar. A frequentar o penúltimo ano do curso de Jornalismo, Jose Carlos quer regressar a Angola assim que terminar o seu curso e contribuir no desenvolvimento do país. Nostálgico quando tem de falar sobre o país, o jovem

DIASPOTICS
migrações / diásporas / tics

confessa que do pouco que sabe sobre a realidade de Angola, obtém por intermédio do Consulado Geral, que coloca em circulação um boletim informativo pela internet e, às vezes, quando acessa algum jornal digital angolano. Segundo ele, seus familiares em Luanda também servem de fonte de informação através da internet e periodicamente recebe deles um resumo sobre a situação política, econômica, social, entre outras, ligadas ao país.

Considerações finais

De uma maneira geral, as opiniões dos entrevistados consultados indicaram que tanto os meios de comunicação étnicos como a internet ou as redes sociais (especialmente o Facebook) têm por finalidade contribuir para a integração do imigrante na sociedade anfitriã através da informação e também manter os laços com amigos e familiares no país de origem. Esses laços são, prioritariamente, de ordem afetiva, mas podem envolver outros aspectos, como o econômico (no caso do comércio de roupas organizado pela rede).

É neste âmbito que, na sua grande maioria, as TICs cumprem igualmente um papel parecido ao de associações de imigrantes. Efetivamente, os imigrantes, além de as utilizarem como fonte de informação, enxergam também esses meios como uma espécie de “serviço de apoio informativo”.

O estudo evidenciou que a experiência de vida de cada sujeito, mais especificamente do imigrante angolano, bem como os diferentes papéis desempenhados no cotidiano transnacional, fundamentam-se nas identificações e projeções com as diferentes identidades coletivas que mantêm contato ao longo existência, seja no país de origem, seja no país de acolhida. As escolhas, pertencimentos, formas de interação e as narrativas socializadas por meio das TICs, principalmente das redes sociais na internet, tendem a revelar as marcas da ligação pessoal a diferentes coletivos. Assim, o significado da identidade, mais especificamente do imigrante angolano, varia em função do lugar e da época em que migrou e dos novos grupos de pertencimento físicos e/ou virtuais.

No caso estudado, o ingresso à modernidade a partir do uso das tecnologias de comunicação é utilizado como ponte para emendar o afastamento. Portanto, esse grupo de imigrantes angolanos está diante do desafio de “recompôr o mundo” para viabilizar a convivência em uma sociedade intercultural, como a brasileira, com crescente fluxo migratório e tensões inerentes com situações marcadas pela etnicidade. A persistência de etnias de raiz africana evidencia que estão abertas as possibilidades de consciências reflexivas para construção de identidades transnacionais. O estudo mostra como o uso de redes é utilizado de forma integral, como uma possibilidade de se representar perante a sociedade de origem e também perante a sociedade de acolhida.

Referências

UNFPA (Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas). Relatório sobre a Situação da População Mundial 2011. Nova Iorque: ONU, 2011.

BÓGUS, PASTERNAK. Cadernos da metrópole. São Paulo: EDUC, 2004.

COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo (Eds.). Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais. Balaterra: Instut de la Comunicació Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

COGO, Denise; Gutierrez, Maria & Huertas, Amparo (Coords.). Migraciones Transnacionales y Medios de Comunicación: Relatos de Barcelona e Porto Alegre. Madrid: Catarata, 2008.

HUERTAS BAILÉN, Amparo. Consumo y uso de los medios de comunicación por parte de los migrantes. In: COGO, Denise, HUERTAS BAILÉN, Amparo, GUTIÉRREZ, Maria (coord.) Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Barcelona e Porto Alegre. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2008.

IANNI, Octavio. A era do globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

RIBEIRO, José Teixeira Lopes. Migração Internacional Brasil África: Angola em destaque. In: Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. 2.ed. São Paulo: FNUAP, 1995.

SAYAD, Abdelmalek. Imigração, ou os paradoxos da alteridade. Trad. Cristina Murachcco. São Paulo: Edusp, 1998.

ZENTELA, Georgina Trujillo & SCHIESSER, Fritz. Migration and Development. 113th ASSEMBLY OF THE INTER-PARLIAMENTARY UNION, 2005.